

ARTIGO

Operação Caronte e o vandalismo governamental na Cracolândia paulistana

Operation Caronte and government vandalism in Cracolândia São Paulo

Ygor Diego Delgado Alves^I, Pedro Paulo Gomes Pereira^{II}

Resumo

Após 25 anos de atuação governamental sobre a Cracolândia, a Operação Caronte (OC) aparece como a perenização de ações violentas sobre as pessoas que vivem e frequentam a região. Os efeitos práticos mais relevantes da OC foram: 1) desestabilizar a cena aberta de uso do crack; e 2) promover seu alargamento por diversos pontos que já haviam deixado de fazer parte da Cracolândia. Com base na ideia de vandalismo como recurso prático feito por traficantes de drogas em áreas que pretendem degradar para futuramente darem espaço ao tráfico e consumo de drogas; e considerando que o chamado crime seria tão importante para o capitalismo a ponto de, para Karl Marx, ser incorporado ao sistema, ao gerar novos serviços, como os de segurança, e oportunidades como a construção de novos bairros mais seguros. Nosso artigo propõe a ideia de vandalismo governamental, em busca de abarcar, o melhor possível, os desafios interpretativos presentes na OC. Concluímos que, de maneira semelhante a dos traficantes de drogas, a OC promove a decadência da cidade em um processo perene de vandalismo governamental, com intuito de expulsar os moradores, deixando-lhes a opção de se retirarem da região ou contratarem serviços de segurança.

Palavras-chave: Cocaína Crack, Política Pública, Violência, Vandalismo

Abstract

After 25 years of government action in Cracolândia, the Operation Caronte (OC) appears as the perpetuation of violent actions against the people who live and frequent the region. The most relevant practical effects of the OC were: 1) destabilizing the open scene of crack use; and 2) promote its enlargement by several points that had already ceased to be part of Cracolândia. Based on the idea of vandalism as a practical resource made by drug dealers in areas that they intend to degrade in order to make room for drug trafficking and consumption in the future; and considering that the so-called crime would be so important for capitalism to the point of, for Karl Marx, being incorporated into the system, by generating new services, such as security, and opportunities such as the construction of new, safer neighborhoods. Our article proposes the idea of government vandalism, seeking to cover, as best as possible, the interpretative challenges present in the OC. We conclude that, similarly to drug dealers, the OC promotes the decay of the city in a perennial process of government vandalism, with the aim of expelling residents, leaving them the option of withdrawing from the region or hiring security services.

Keywords: Crack Cocaine, Public Policy, Violence, Vandalism

Introdução

O artigo trata da Operação Caronte (OC), como foi nomeado o conjunto de ações em sequência levadas a cabo pelos poderes municipal e estadual na região central da cidade de São Paulo conhecida como Cracolândia. Desde meados de 2021, a Polícia Militar, a Polícia Civil e a Guarda Civil Metropolitana (GCM) vêm desenvolvendo essas ações, no sentido declarado de

combater e reprimir a atuação de organizações criminosas armadas que explorariam o tráfico de drogas naquele território.

Após meses de repressão sobre os usuários de crack, localizados, até então, no quarteirão da rua Helvétia, entre as Alamedas Dino Bueno e Cleveland, o “fluxo”, como ficou conhecida a aglomeração mais concentrada de consumidores de crack, foi deslocado, em março de 2022 e a mando dos traficantes, para a praça Princesa Isabel, a 700 metros de distância. No mês de maio do mesmo ano, o novo fluxo, que surgira

^I Ygor Diego Delgado Alves (antropologjaygor@yahoo.com.br). Pesquisador, UNIFESP, São Paulo, Brasil.

^{II} Pedro Paulo Gomes Pereira. Professor associado, UNIFESP, São Paulo, Brasil.

nessa praça, foi dispersado violentamente pela polícia. O então pré-candidato a governador e governador em exercício, Rodrigo Garcia (PSDB), veio a público defender a ação e justificá-la com o argumento de que levaria os usuários de crack mais facilmente a tratamento.¹

Segundo levantamentos do Laboratório Espaço Público e Direito à Cidade (LabCidade), da Universidade de São Paulo (USP), mais de uma dúzia de pontos de consumo de crack surgiram pela região central da cidade em substituição ao fluxo da praça Princesa Isabel.² Até o final do mês de outubro de 2022, e término da campanha eleitoral, as ações repressivas permaneceram com ampla cobertura da mídia. Moradores e comerciantes, prejudicados pelo surgimento de novas cenas abertas de consumo de crack em frente aos seus comércios e residências, protestaram contra as medidas dos governos municipal e estadual, na região.³

As recentes ações governamentais na Cracolândia foram marcadas por uma prática organizada de violência perene, que era, de certa forma, uma novidade nos quase trinta anos de sua existência. Desde meados dos anos 1990, as pessoas que consomem crack na região da Luz, Santa Cecília e Santa Ifigênia, entre outras áreas próximas, foram alvo da violência do poder público. Antes do programa municipal De Braços Abertos (DBA), que durou de 2014 a 2017, a atuação governamental na Cracolândia se via restrita a ações de pouco fôlego ou efetividade, que costumavam ser marcadas pela curta duração, como as operações 'Tolerância Zero', 'Limpa', 'Derruba Quarteirão' e 'Dor e Sofrimento', gerando movimentações de usuários de crack, como as chamadas 'procissões do crack'.⁴

Após a implantação do DBA, concomitante com o programa estadual Recomeço, podia-se a imaginar que a era de ações pontuais e puramente dedicadas à repressão havia terminado, ainda mais com a implantação do Programa Redenção, que substituiria o DBA. Porém, com a retirada dos serviços ATENDE das proximidades da cena de uso e sua substituição, dentro do Programa Redenção, por equipamentos afastados do fluxo, a violência voltou a se impor. Compreender a OC, em sua inédita perenidade e efetividade em instabilizar a cena concentrada de uso do crack, parece ser

fundamental para que possamos vislumbrar o sentido presente na ação de governos de um mesmo grupo político, naquela região.⁵

De acordo com a importância para os objetivos desse artigo iremos trabalhar com autores no campo das ciências sociais que tratam do tema da Cracolândia e, mais especificamente, sobre o vandalismo. Sobre esse assunto em particular devemos observar que o vandalismo aparece comumente associado a: 1) acusações contra certos atos e pontos de vista políticos;⁶⁻⁷ 2) "violência dirigida a bens materiais"⁸ (p. 31); 3) debates concernentes a manifestações artísticas em locais abertos, como os grafites;⁹ e 4) força produtiva,¹⁰ ponto de vista mais interessante para os objetivos desse artigo.

Zinganel (2005)¹⁰, para nos falar a respeito da força produtiva do vandalismo, inicia comentando certas intervenções artísticas realizadas nos Estados Unidos (EUA), nos anos 1970, em prédios abandonados, em que os edifícios, a beira de serem demolidos, eram objeto de pixações e demolição de paredes. Mas, é o recurso prático ao vandalismo, feito por traficantes de drogas em áreas semelhantes às inicialmente objeto das intervenções artísticas, que mais interessaram ao autor. Prédios que futuramente dariam espaço ao tráfego e consumo de drogas foram ocupados lentamente, no início por pixações e sujeira até que, na ausência de resposta por parte de moradores, foram percebidos pelo tráfego como imóveis vazios, aptos a serem ocupados pelo crime. Vizinhanças inteiras podiam sofrer esse processo lento de degradação, até que qualquer morador recalcitrante seria, por fim, expulso. Após essa introdução, o autor recorreu a Karl Marx, em sua ideia de que mesmo as forças que se revoltam ou ficam à margem do capital acabam sendo incorporadas ao sistema, ao gerarem novos serviços como os de segurança e oportunidades como a construção de novos bairros mais seguros. O chamado crime seria tão importante para o capitalismo a ponto de, para Marx, ser reinventado sempre que começa a diminuir.

A ideia de gentrificação há muito se apresenta como ingrediente para compreendermos os fatos que se desenvolvem na Cracolândia, desde considerarmos



ali um território submetido a uma “lógica militarizada de combate ao inimigo e ocupação”¹¹ (p. 2174), até uma região sujeita à especulação, em que a ampliação da “cena de uso pode ser importante na medida em que dá chance ao capital imobiliário de ampliar a área disponível no processo de gentrificação”¹² (p. 474).

Considerando a relevância do tema, propomos, a partir da breve descrição das políticas e ações que antecederam a OC, e das principais características dessa operação, a ideia, que reconhecemos ser um pouco contraditória e até possivelmente paradoxal, de vandalismo governamental, em busca de abarcar, o melhor possível, os desafios interpretativos aqui presentes.

Material e Métodos

Neste artigo, nos valem do método de pesquisa bibliográfica, que consiste na apreciação da bibliografia para o levantamento e análise do que foi produzido sobre o tema da pesquisa. Para o levantamento da bibliografia foram selecionados artigos científicos, livros, notícias de jornais e revistas que versassem sobre as políticas públicas adotadas por diferentes governos na Cracolândia. Logo, acabamos por focar na produção acadêmica e jornalística que tratasse do período entre meados dos anos 1990 até 2022. Usamos a ferramenta de buscas Google, com intervalos personalizados de data, para notícias da mídia; e utilizamos as bases de dados Scielo e Google Acadêmico para os artigos científicos. Com esse material foi possível colher resultados sobre as políticas públicas na Cracolândia, em particular a OC, para finalmente analisá-los frente às ideias em torno do vandalismo.

Resultados

Embora a primeira apreensão de crack na cidade de São Paulo tenha ocorrido em meados dos anos 1980, foi apenas em 1991 que a droga surgiu como notícia na região¹³ que, a partir de 1995, viria, segundo Costa Jr., Souza¹⁴, ser conhecida como Cracolândia. No final da década de 1990, sob governo Mario Covas (PSDB), a Operação Tolerância Zero foi a primeira

iniciativa do poder público que visava extinguir a Cracolândia, mas resultou tão somente no deslocamento da cena de uso, em poucos quarteirões.¹⁵ No ano de 2005, com o prefeito José Serra (PSDB), a Operação Limpa ou Plano Cracolândia fechou pequenos hotéis dedicados à venda e ao consumo de crack e provocou o deslocamento da cena de uso até as proximidades da praça Júlio Prestes, onde formava-se o fluxo.¹⁶⁻¹⁷ Não contente em apenas fechar estabelecimentos comerciais, o prefeito Gilberto Kassab (PSD), que substituiu Serra, demoliu, em 2007, alguns imóveis numa operação que ficou conhecida como Derruba Quarteirão. Cinco anos mais tarde, em 2012, o mesmo Kassab implementaria a ação governamental mais violenta até então, que ficou conhecida como Operação Dor e Sofrimento. A operação fracassou, mas explicitava uma biopolítica de gestão estatal que, com o objetivo de salvar vidas em meio a uma pretensa epidemia do crack, tomava medidas drásticas de retirada da liberdade, numa lógica paternalista.¹⁸

A derrota do candidato José Serra (PSDB) para Fernando Haddad (PT) abriu a possibilidade do surgimento do primeiro programa integrado na Cracolândia, o De Braços Abertos, em 2014. O programa previa acomodação em hotéis, três refeições diárias, trabalho remunerado de zeladoria, formação profissional e acesso integral à saúde; as principais áreas da administração municipal envolvidas eram saúde, assistência social, trabalho e direitos humanos.¹⁹ O Programa Recomeço, do governo estadual, contava com um equipamento localizado em frente a antiga sede do DBA e, embora tivesse como porta de entrada, na capital, o Centro de Referência de Álcool, Tabaco e Outras Drogas (Cratod), não era considerado nesse trabalho, por possuir abrangência estadual. A vitória do político João Dória (PSDB) para prefeito levou ao fim do De Braços Abertos e sua substituição pelo Programa Redenção, em 2017. O lançamento do programa se deu em uma ação policial ainda mais violenta que a realizada na operação Dor e Sofrimento e, a partir daí, a violência nunca mais deixou de ser regularmente exercida na Cracolândia. Segundo Alves e Pereira²⁰, o Programa Redenção continuou utilizando o espaço que

sediava o DBA, na Rua Helvetia, quase esquina com Alameda Cleveland, mas agora chamado de ATENDE II. Antes do desmonte final, a situação desse serviço se deteriorou a ponto de ser utilizado como depósito de drogas pelo tráfico. Finalmente, em 8 de abril de 2020, as pessoas acolhidas foram retiradas em um ônibus lotado e enviadas a outro equipamento, localizado no bairro do Glicério, a cerca de 3km do local, quando a epidemia da covid-19 havia matado 371 pessoas no estado de São Paulo. As ações repressivas foram num crescendo, tanto que a prefeitura foi alvo de uma ação civil pública por parte da Promotoria dos Direitos Humanos, do Ministério Público de São Paulo, em 31 de maio de 2021, que buscava impedir a atuação da GCM na Cracolândia. Porém, poucos dias depois, em 18 de junho, a OC é lançada com farto aparato policial, que incluía centenas de GCMs.

No Quadro 1 organizamos, sequencialmente, as políticas públicas, aqui entendidas de forma *lato sensu* como “ações governamentais dirigidas a resolver determinadas necessidades públicas”²⁰ (p. 228), empreendidas na Cracolândia. Procuramos apresentar o nome atribuído pelo governo do momento ou popularizado pela mídia de cada política; o governante que assumiu a política; o ano; os dois tipos de política: operação ou programa; se foi implementada em período pré-eleitoral; e sua característica mais marcante: violenta ou integrada. Por política integrada entendemos a que vai além do tratamento da dependência química, com oferta de ações sociais como acolhimento, alimentação e trabalho.²¹ A violência naquele contexto nos remete à guerra às drogas e ao imperativo do combate ao tráfico, transformado em “exercício de controle social permeado pelo poder e pela violência policial e estatal”²² (p. 3).

Quadro 1 – Políticas públicas empreendidas na Cracolândia

Política pública	Governante (partido)	Ano	Tipo	Pré-eleitoral?	Característica marcante
1) Tolerância zero	Mario Covas (PSDB)	1997	Operação	Não	Violenta
2) Operação Limpa	José Serra (PSDB)	2005	Operação	Não	Violenta
3) Derruba Quarteirão	Gilberto Kassab (PSD)	2007	Operação	Não	Violenta
4) Dor e Sofrimento	Gilberto Kassab (PSD)	2012	Operação	Sim	Violenta
5) Programa De Braços Abertos (DBA)	Fernando Haddad (PT)	2014 - 2016	Programa	Não	Integrada
6) Programa Redenção	João Dória Jr. (PSDB)	2017 - atual	Programa	Não	Integrada
7) Operação Caronte (OC)	João Dória Jr. (PSDB) Rodrigo Garcia (DEM/PSDB)	2021 - 2023	Operação	Não	Violenta

Foram sete políticas implementadas para tentar lidar com a Cracolândia, mas apenas duas sob liderança do governo estadual, Tolerância Zero e OC. Também são apenas duas as que podem ser caracterizadas como programas integrados, DBA e Redenção. A operação Dor e Sofrimento é a mais marcadamente iniciada em período eleitoral. Em 25 anos de políticas públicas

na Cracolândia, a marca é a violência, e o PSDB foi o partido político com maior atuação na região.

A Operação Caronte

Na manhã de 18 de junho de 2021, uma sexta-feira, as polícias, civil e militar, acrescidas pela GCM,

realizaram uma violenta operação na Cracolândia, em que foram cumpridos mais de uma dezena de mandados de prisão, busca e apreensão. A ação não se limitou às ruas da região e se desenrolou no interior de pensões e hotéis, onde traficantes deveriam estar se abrigando. A operação ganhou, pela primeira vez, o nome de Caronte, personagem da mitologia grega que representava um barqueiro responsável pela travessia das almas do mundo dos vivos para o mundo dos mortos.

A OC foi lançada de modo espetacular, a semelhança de outras operações anteriores, como a Dor e Sofrimento, e a que lançou o Programa Redenção. O delegado Roberto Monteiro, da 1ª Seccional de Polícia Civil do centro de São Paulo, surgiu como principal porta-voz dos acontecimentos que se dariam dali por diante. Antes de ser escolhido para o cargo, o delegado havia colaborado com o plano de governo do candidato João Doria Jr., que viria a governar o estado; chegou a ser filiado a partidos políticos e não escondeu suas pretensões: “Eu tenho muito receio de falar que não serei (candidato). Mas, pode surgir uma situação em que eu me veja na condição de ajudar alguma coisa”²³ (p.23).

Durante os primeiros seis meses da OC, ficaram notabilizadas as prisões de pessoas acusadas de tráfico de drogas, particularmente, mulheres que receberam apelidos como: Abelha Rainha, acusada de ser líder do tráfico local e ligada ao Primeiro Comando da Capital (PCC); Loirosa da Cracolândia, que vendia drogas na região; e Lo Bauer, que seria *influencer*, com 58 mil seguidores nas redes sociais, apelidada de ‘Gatinha da Cracolândia’.²⁴ Pudemos perceber, também, a tentativa por parte das instituições envolvidas, com destaque para a Polícia Civil, em demonstrar algum conhecimento do tráfico de drogas no território, fruto de trabalho prévio de investigação.

A busca por descrever certo ‘carrossel do crack’, como foi nomeado o conjunto de papéis e atividades em torno do comércio de drogas local, marcou esse esforço. Aí se explica que: 1) o comércio de crack era realizado em ‘tendas’, também chamadas de barracas ou lojas, itinerantes, em número de trinta; 2) as tendas seriam uma adaptação do tráfico às três faxinas

diárias feitas pela prefeitura; 3) um indivíduo no papel de “salveiro” daria o “salve” ou aviso que haveria faxina e assim se iniciaria o desmonte das tendas; 4) cada tenda abrigaria três arrendatários, espécie de franqueados que adquiriram o direito de ali comercializar drogas sobre uma mesa, ao custo de mil reais por semana; 5) usuários de droga ficariam responsáveis por montar e desmontar as tendas, assim como por carregar as mesas; 6) os usuários serviriam de escudo aos traficantes, e o comércio de bens no local seria um disfarce para o tráfico; 7) o transporte da droga para venda seria feito em pequenas quantidades pelos ‘formiguinhas’, mas poderia incluir motoristas de aplicativo. Com esse conhecimento em mãos, o prefeito Ricardo Nunes (MDB) pôde estabelecer o objetivo do município de não permitir mais barracas de venda de crack.

As ações espetaculares, com prisões e novas revelações sobre a dinâmica do tráfico de drogas, deram a tônica da OC no primeiro semestre de 2022. Foram mais de uma centena de prisões e invasões a hotéis que serviriam para preparo e armazenamento de drogas, além do uso de muita violência. A OC passou a ser anunciada como se cumprindo um cronograma pré-estabelecido; foi dito pelas autoridades da Polícia Civil que estaria entrando em uma fase IV, porém, sem que antes tivessem sido anunciadas as fases I, II ou III. Críticas começaram a surgir quanto a sua eficácia, inicialmente, em relação ao surgimento do que foi anunciada como a ‘nova Cracolândia’, que ocupava a praça Princesa Isabel. A resposta da polícia foi a prisão, sob os holofotes da mídia, de um homem tido como traficante, de nome “Filé com Fritas”, possivelmente em alusão ao seu prato preferido nos restaurantes populares da região.²⁵

Embora a OC não tenha sido lançada em período eleitoral, o governador recém-empossado em substituição a João Dória Jr (PSDB), Rodrigo Garcia, recém-ingresso no mesmo partido, se posicionou publicamente, após recrudescimento da violência promovida por seu governo, na Cracolândia. Garcia havia acabado de assumir o posto de governador quando, a partir de maio de 2022, período pré-eleitoral, uma série de ataques da polícia passou a ser infringida contra as pessoas que vivem ou frequentam a Cracolândia.²⁶

A depender das seguidas declarações oferecidas pela Polícia Civil, a OC poderia ter atingido, antes de ser encerrada em janeiro de 2023, tanto sua 22ª etapa quanto a fase V. O chamado fluxo parece ter se deslocado para a Avenida Rio Branco, muito próximo à Praça Princesa Isabel, mas podendo também circular por outras ruas do bairro, como a rua Helvetia. Durante o dia, os usuários de crack ocupavam, nessa rua, os fundos da 77ª Delegacia de Polícia, que participava ativamente da OC. A prefeitura chegou a oferecer banheiros e uma unidade de emergência do Serviço Integrado de Acolhida Terapêutica (SIAT), depois nomeada SIAT Acolher Helvetia, em um terreno adjacente aos fundos dessa mesma delegacia, na tentativa de enviar usuários de crack para tratamento, inclusive involuntário, em comunidades terapêuticas ou para internação no Hospital Bela Vista, localizado na região central da cidade²⁷

Discussão

Vimos que nas sete políticas implementadas em 25 anos de atuação governamental sobre a Cracolândia, os prefeitos Serra (PSDB), Kassab (PSD), Haddad (PT) e Dória (PSDB) foram os maiores responsáveis. Os governadores Covas (PSDB), Dória (PSDB) e Rodrigo Garcia (PSDB) fizeram sua parte pelo governo estadual. Serra atuou como prefeito e pouco como governador; Dória atuou como prefeito e como governador. Apenas a política de Tolerância Zero e OC estiveram sob comando estadual. A operação Dor e Sofrimento é a mais marcadamente iniciada em período eleitoral, embora a OC tenha sido usada no período pré-eleitoral por Rodrigo Garcia. O PSDB foi o partido político com maior atuação na região, seguido pelo PSD e PT. A violência foi a marca dessas atuações, com exceção do DBA, durante o governo petista de Haddad.

A OC não aparenta ter data certa de início, sendo uma perenização de ações violentas sobre as pessoas que vivem e frequentam a Cracolândia, que vinham sendo promovidas desde a implantação do Programa Redenção, em 2017. Apenas após uma megaoperação, em meados de 2021, as sucessivas ações violentas

ganham o nome de Operação Caronte. O governo estadual, por intermédio do delegado Roberto Monteiro, procurou exibir na mídia algum conhecimento do terreno em que a OC se desenrolava. O governo tentou, também, embutir certa lógica, a da internação das pessoas forçadas a abandonar as ruas, ao que antes mais parecia uma sucessão interminável de ações violentas e inconsequentes e um propósito, o fim da Cracolândia pelo desaparecimento dos usuários de crack e estrangulamento do tráfico, após centenas de prisões. Apesar de todo esforço, os efeitos parecem pífios e a Cracolândia permanece onde sempre esteve.

A aparente sensação de fracasso, que surgiu quando analisamos a OC, pode ser enganosa caso tomemos a lógica e os fins declarados pelos seus condutores. Se pretendessem levar as milhares de pessoas que residiam ou frequentavam, diariamente, a cena aberta de uso de crack, conhecida como Cracolândia, a tratamento em massa, teriam fracassado; e caso almejassem impedir o tráfico na região poderíamos afirmar que aí também falharam. A intenção declarada pelo governador em exercício, Rodrigo Garcia (PSDB), de provocar a internação dos usuários de crack, via aumento da violência, remonta ao fracasso da operação Dor e Sofrimento¹⁷. Os efeitos práticos mais relevantes da OC foram: 1) desestabilizar a cena aberta de uso do crack; e 2) promover seu alargamento por diversos pontos que já haviam deixado de fazer parte da Cracolândia.

Ao aumentar a área de abrangência da Cracolândia, um mesmo grupo político⁵, que há décadas repete ações violentas na região, formado por governantes majoritariamente do PSDB, agiu de maneira semelhante aos traficantes de drogas descritos por Zinganel¹⁰, promovendo o vandalismo com intuito de expulsar os moradores. Não espanta os protestos dos habitantes dos bairros atingidos nem as reclamações dos comerciantes contra os reiterados atos violentos perpetrados na OC, seu bairro estava sendo vandalizado. Os usuários de crack, ao ocuparem as calçadas com suas malocas, o tráfico, o crime, a sujeira, deixavam aos moradores e comerciantes a opção de se retirarem da região ou contratarem serviços de segurança.

Os resultados obtidos em nossa pesquisa permitem afirmar que um mesmo grupo político, formado majoritariamente por governantes do PSDB, vêm há décadas promovendo ações violentas na Cracolândia, sem qualquer resultado positivo, mas, pelo contrário, promovendo a decadência da região em um processo perene de vandalismo governamental.

Referências

1. Zylberkan MDP. Polícia faz ação com blindado na cracolândia e volta a dispersar usuários. Folha de S. Paulo [internet]. 2022 [acesso em 1 nov 2022]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/05/policia-civil-deflagra-nova-operacao-na-cracolandia.shtml>.
2. Marino A, Amparo A, Machado A, Mello D, Magri G, Meola L, et al. A cracolândia não diminuiu, só se espalhou [internet]. LabCidade. 2022 [acesso em 10 out 2022]. Disponível em: <http://www.labcidade.fau.usp.br/acoes-violentas-do-poder-publico-multiplicam-cracolandias-pelo-centro-de-sao-paulo/>.
3. Moradores do centro de SP protestam contra dispersão da cracolândia. Uol [internet]. 2022 [acesso em 10 out 2022]. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/05/21/moradores-comerciantes-centro-sp-cracolandia-protesto.htm?cmpid=copiaecola>.
4. Alves YDD, Pereira PPG. Uma antropologia do luxo: reflexões sobre dependência no contexto do crack. INTERthesis: Rev. Intern. Interdisc. 2019; 16(1):121-42.
5. Arantes P. Interesse público, poderes privados e práticas discursivas na política de renovação do centro de São Paulo. São Paulo: Instituto Polis; 2007.
6. Salas Siguenza IRMA. Cuando la revolución es en femenino, es vandalismo. La Revolución de la Brillantina y la pugna por la memoria. Sociol. Technosci. 2021;11(1).
7. Sanfelice JL. Vandalismo ou movimento social? As jornadas de junho (2013). Germinal: marxismo e educação em debate. 2014;6(2), 04-14.
8. Chaves FMR. Escola e violência sob a ótica da sociologia. Rev Bras Hist Ciênc Soc. 2014;6(12).
9. Wolff B. The writing on the stall: Graffiti, vandalism, and social expression. Kaleidoscope. 2011;9(1):11.
10. Zinganel M. Vandalism as a productive force. Shrinking Cities: Intern Res. 2005;1, 294.
11. Amaral AJD, Andreolla AH. Drogas, urbanismo militar e gentrificação: o caso da Cracolândia paulistana. Rev. Dir. Práxis. 2020;11:2162-87.
12. Alves YDD, Pereira PPG. O surgimento da cracolândia como problema público: o desenvolvimento do mercado lucrativo do crack e sua exploração político-midiática. Dilemas: Rev Estud Confl Contr Soc. 2021;14: 465-88.
13. Fasson K, Puccinelli B. Pensando o crack na cidade de São Paulo: cracolândia, intervenções públicas, saúde e marginalização. In: IX Concurso Nacional de Monografia sobre Drogas. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas; 2010.
14. Costa Jr C, Souza G. Vizinhos da cracolândia: a memória de quem viu um mundo paralelo se erguer na região da Luz. São Paulo: Edição do Autores; 2014.
15. Huberman, B. Cracolândia: uma terra sem pai. Rev. Veja [internet]. 2012 [acesso em 10 out 2022]. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/cracolandia-uma-terra-sem-pai/>.
16. Mena F. Cracolândia resiste, agora em novo endereço: usuários de droga evitam área policiada dia e noite e ocupam praça a três quarteirões de distância. Folha de S. Paulo [internet]. 2005 [acesso em 10 out 2022]. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0704200517.htm>.
17. Alves YD, Pereira PPG. Sob fogo cruzado: antecedentes, construção e desmonte do Programa De Braços Abertos na Cracolândia paulistana. Salvador: EDUFBA; 2019.
18. Silva DEM, Souza LC, Melo NM. Internação para usuários de Crack: um campo de disputa em construção. Mosaico. 2014 [acesso em 05 dez 2017];5(8): 46-65. Doi: <http://dx.doi.org/10.12660/rm.v5n8.2014.62830>.
19. Alves YDD, Pereira PPG. Um conto de duas epidemias: a desativação do ATENDE II em meio a Covid-19 na Cracolândia. Áltera, Rev Antropol. 2020;2:134-41.
20. Gelinski CROG, Seibel EJ. Formulação de políticas públicas: questões metodológicas relevantes. Rev Ciênc Hum. 2008;42(1):227-40.
21. Garcia L, Tykanori R, Maximiano V. Uma perspectiva social para o problema do crack no Brasil: implicações para as políticas públicas. In: Bastos F, Bertoni N, organizadores. Pesquisa nacional sobre o uso do crack [internet]. Rio de Janeiro: ICICT; 2014 [acesso em 24 out 2022]. Disponível em: <file:///D:/Users/antro/Downloads/UsodeCrack.pdf>.
22. Oliveira Camargo P, Oliveira MM, Lemos DSC, Ramos CI. É bomba! É tiro! É violência! A guerra às drogas na Cracolândia paulistana. SMAD, Rev. Eletr. Saúde Ment. Álc. Drog. 2022; 18(1):57-67.
23. Freitas C. Tudo acontece aqui, diz Roberto Monteiro, delegado seccional do Centro. Rev. Veja [internet]. 2022 [acesso

em 24 out 2022]. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/tudo-acontece-aqui-diz-roberto-monteiro-delegado-seccional-do-centro/>.

24. Resk F. Prisão de influencer da Cracolândia expõe novo carrossel da droga na região. O Estado de S. Paulo [internet]. 2021 [acesso em 24 out 2022]. Disponível em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,prisao-de-influencer-da-cracolandia-expoe-novo-carrossel-da-droga-na-regiao,70003793407>.

25. Figueredo M. Polícia prende traficantes em megaoperação na nova cracolândia em SP. Uol [internet]. 2022 [acesso em 25 out 2022]. Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/noticias/bora-sp/ultimas/megaoperacao-na-nova-cracolandia-em-sp-16510814>.

26. Zylberkan M, Verpa D, Dias PE. Cracolândia fixa novos pontos no centro, interdita rua e faz comércio fechar. Folha de S. Paulo [internet]. 2022 [acesso em 25 out 2022]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/05/cracolandia-tenta-fixar-novos-pontos-de-concentracao-em-ruas-do-centro-de-sp.shtml>.

27. Agência Brasil. Prefeitura de SP internou 22 usuários de droga de forma involuntária. Uol [internet]. 2022 [acesso em 25 out 2022]. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-brasil/2022/06/06/prefeitura-de-sp-internou-22-usuarios-de-droga-de-forma-involuntaria.htm>.

